

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

7.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA	PUBLICA-SE	PREÇO DA ASSIGNATURA	N.º 921
	Braga, 12 mezes. 1\$600 " 6 " " " " " 850 Correspondencias partic. cada linha 40 Annuncios cada linha. 20 Repetição 10		Provincias, 12 mezes. 2\$000 " 6 " " " " " 1\$050 " sendo duas assignaturas 3\$600 Brazil, 12 mezes, moeda forte. . 3\$600 Folha avulso 10	

BRAGA

QUINTA-FEIRA 10 D'ABRIL DE 1879

SEXTA-FEIRA SANTA

Consummatum est!

Consummou-se a grande obra da redempção!

A humanidade vai sair redimida do pé da cruz!

Deante d'esse labaro sacrosanto, d'onde a esperança tornou a levantar-se, os animos crentes aprendem a humilhar as vaidades e as illusões.

Abriendo os braços, na cruz, Jesus conquistou o futuro, morrendo pela verdade. Mais tarde vêem os martyres, e attestam á sociedade que expirava, que o mundo transformado ia renascer, arvorando por estandarte o instrumento affrontoso da morte do Justo...

Mas o que era o mundo antes de consummado o grande sacrificio?

Um lance d'olhos sobre Roma:

As sombras da idolatria cobriam a terra, e exceptuando os Judeos, já n'esse tempo infelizes depositarios da lei de Moysés, todos os povos, curvados ao jugo romano, adoravam as paixões e as fragilidades humanas, symbolisadas nas falsas e absurdas divindades de seus ritos.

Qual era o vicio, por mais asqueroso que fosse, que não apontasse para o seu altar! A luxuria chamava-se—Venus, —o adulterio chamava-se—Jupiter, e o roubo—Mercurio: as torpezas mais ignominiosas tinham protectores no olympo, e viam correr em sua honra o sangue de milhares de victimas.

A liberdade que fóra o mais bello ornamento das republicas gregas, e o orgulho dos romanos; a liberdade apunhalada nas luctas de Maria e Scylla, de Pompeu e Cezar, veio cair moribunda, vilipendiada e escarnecida aos pés da crueldade de Tiberio em Caprea, e da

demenia sanguinaria de Nero e Caligula.

Mesmo antes seria ella a ideia nobre e pura do povo romano?

Quem eram os escravos?

Os escravos eram menos que animaes, eram cousas

Cleopatra provava n'elles os seus venenos. Flaminio decepava-lhes a cabeça, para mostrar aos seus convivas as agônias da morte violenta. Pollio engordava as moreias dos seus viveiros, lançando-lhes esta carne desprezível, ainda palpitante.

Pobres infelizes, que nunca encontravam um coração amigo que lhes suavizasse os soffrimentos.

Para elles, não havia alegrias, familia, nem commodidades; eram os baldões de seus senhores.

A vida era-lhes um continuo martyrio; a cada passo tropeçavam com a morte. E todavia elles tinham tanto direito á liberdade como os seus senhores!

A gula e a embriaguez eram por assim dizer os deuses penates das habitações dos romanos!

As mezas triangulares gemiam com o peso das baixas de prata e dos majares exquisitos, invenções mais de prodigalidade, do que do gosto.

Um opulento para lustrar a sua meza, pagava por um conto e duzentos mil reis, um prato de aves raras. Cezar devorava n'um festim o rendimento de tres provincias. Lucullo em uma ceia, despendia seis a sete contos de reis!

Eis em poucas palavras o que era Roma, quando o Filho de Deus veio offerrecer a paz, e alargar ao homem os horisontes que o polytheismo acanhava; trazendo ao seu lado a Fé, que lhes apontou além do tumulo, e acima da terra, a patria celestial.

Então o escravo ouviu aquellas consoladoras palavras: Tu és tanto como o teu senhor, porque és filho do mesmo pae que é Deus: d'ora avante, não ha-

verá mais escravos, mas todos serão irmãos!

Desde esse dia a igualdade na presença de Deus nivelou o poderoso com o indigente, e o oppressor com o opprimido. Os homens ficaram irmãos, e a escravidão foi-se desvanecendo pouco a pouco da fronte das raças proscriptas.

Uma revolução immensa, a revolução da verdade contra o erro, rebentou das raizes da cruz, onde o odio dos phariseus e cumplicidade do povo romano imaginára afogar a ideia nova, com tormentos e zombarias.

Oh! mas que espantosa transformação se começa então a operar em todo o mundo!

Ao lado d'esses opulentos ainda pallidos das devassidões de hontem, e d'essas mulheres, cujos desvarios lubricos uma lingua casta se envergonha de só nomear, passavam pobres e humildes e sos, os discipulos de Jesus, victimas votadas ás recreações do povo-rei, alvos da calumnia dos sabios, e objectos de horror para a plebe, acostumada a vel-os morrer, para seu deleite, como criminosos.

Velhos que já tropeçavam com a morte, creanças faceis de assustar e donzellas formosas ás quaes a vida era tão suave, todos recusavam incensar os idolos, e lá iam alegres e contentes caminhando para o martyrio.

As mulheres, fracas e timidas, entravam no circo, risonhas, castas e firmes.

Os que hontem eram ainda ricos, e acatados, despiam as opulencias sem a menor saudade e trocavam os regalos da vida pelas trevas de horroresos carcereiros, e pelos euculeos e tenazes ardentes dos algos.

No euculeo, nos jardins de Nero, ou debaixo do cutello dos verdugos, todos elles anteviam o paraizo, e, com saudades do ceo, não desejavam senão a brevidade da existencia mortal!

Eis a tua victoria, oh! Christo! escre-

via não ha muito tempo um notavel escriptor da nossa terra!

Oh! Christo! quando nasceste, achaste o universo apagado em vil tristeza, as trevas da idolatria por toda a parte, mas a tua palavra, rasgando o veu, illuminou a terra com as alegrias da esperança.

Os teus inimigos, cravando-te na cabeça a corôa de espinhos, e mettendo-te na mão, por escarneo, uma cana como sceptro, imaginaram sepultar para sempre, contigo na irrisão, as consoladoras palavras de tuas promessas, mas o teu sceptro partiu o d'elles, a tua corôa resplandeceu luzente, cheia de estrellas, e o teu sangue derramado gota por gota, em cada uma das cinco partes do mundo onde caiu, fez surgir uma igreja, levantando milhares de martyres, para cantarem teus louvores, e hastearem a tua cruz!

No horto, o suor da agonia, escorrendo-te dos membros, e povando o calix das amarguras, mesmo sendo filho de Deus, a carne tremeu em ti, ensinaste aos homens o temor da morte, como expirando com o perdão na bocca lhes mostraste que a clemencia e a misericordia são as azas divinas em que a alma se firma para subir aos ceus!

Com os braços abertos no Calvario, de tuas chagas, manaram rios de sangue, e inclinando a fronte chamaste por aquelle que acceitára o teu sacrificio sublime, em remissão.

O que succedeu depois?

A ingrata Jerusalem cumpriu o seu destino, e as suas ruínas assoladas ergueram o pregão eterno da justiça que a punia, seus filhos por ahí andam errantes e vagabundos sem patria nem rei. Do colosso romano nem cinzas restam. O mundo convertido, rejuvenesceu, baptizado na fonte limpa de teu sangue; nos teus braços de pae, abertos e extremos, refugiou-se a humanidade, e a regeneração moral, levantando-se do Calvario poz a liberdade aos pés do Evangelho.

8

FOLHETIM

O CAPITÃO ANGELO

ROMANCE ORIGINAL

POR

J. B. da Silva Ramos.

OFFERECIDO E DEDICADO A' EXC.^{ma} SNR.^a

D. Antonia Augusta T. de Vasconcellos.

DA CASA DE MARBON, EM CELORICO DE BASTO.

III

Angelo empallideceu, e com doçura lhe perguntou:

—Porque, senhor?

—Faça o que lhe mando... não admitto observações...

—Mas... senhor, eu se faltei tanto tempo foi com licença sua... Eu peço me diga a razão porque me despede.

—Pergunte-o á sua consciencia.

—A minha consciencia diz-me que terei tido muitas faltas, mas não me accusa de ter cometido crime algum.

Oliveira fitou-o com olhos chammejantes d'ira; e, fazendo um grande esforço para a reprimir, disse em tom socegado:

—Retire-se.

Este grande golpe feriu até á ultima fibra o coração nobre e honrado d'Angelo. Bem quiz este reunir as suas ideias, esforçar-se por fallar, mas não pôde; mais por instincto do que reflectidamente, dirigiu-se para a porta, e voltou para casa de Joanna.

Esta, vendo-o entrar em casa tão desfigurado, exclamou:

—Que é isso?... Que tens, meu filho?

Então Angelo pôde contar a forma grosseira, porque tinha sido expulso por João d'Oliveira; mas nem uma só queixa proferiu contra seu amo.

—Não te afflijas, filho!... Como não saiste por ladrão, não tem duvida... Não faltam casas aonde ganhes pão... A' manhã vai fallar com o sr. conego, que elle te arranjará outra tão boa como aquella.

Angelo passou o resto da tarde debruçado sobre uma meza, com a face entre as mãos. Joanna, a cada momento lhe dirigia palavras de consolação, mas Angelo permanecia immovel como a estatua da tristeza.

Pouco depois de Trindades, foi visitado por outro caixeiro visinho, com quem tinha poucas relações, e que, não só vinha offerrecer-lhe o seu prestimo, mas ainda contar-lhe os motivos que o expulsaram da casa de João d'Oliveira.

Este caixeiro, que sympathisava extraordinariamente com Angelo, e, por assim dizer, o amava, apesar das poucas relações que com elle tinha, sentiu muito a sua expulsão, e muito mais pelos motivos que corriam, que o leitor sabe, nos quaes não acreditava.

—Eu reconheço—dizia este a Angelo—que os motivos, que dão para a sua saída d'aquella casa, não são mais que vis calumnias; e que

a darem-se, é o sr. completamente estranho a semelhante causa...

—Meu amo, sr., é homem de intenções puras e de coração recto; não era capaz de se deixar levar por intrigas. Ora eu ignoro completamente a causa, que moveu o sr. Oliveira a proceder tão desabridamente para comigo; elle mesmo não m'a declarou: se o sr. a sabe muito me obsequia declarando-m'a.

—Pois o sr. ignora-a?...

—Como lh'o digo.

O caixeiro ficou calado por um pouco; afinal rompeu o silencio dizendo:

—O sr. vem a saber-o mais tarde ou mais cedo...

—E' verdade; e então faz-me grande serviço.

—Pois bem; os motivos, que o sr. João d'Oliveira allega, são a subtração de dinheiros das gavetas da loja, chegando a convencer-se, por diferentes coincidencias que se deram, que foi o sr. quem lh'o tirou.

—Ladrão!... Eu ladrão!...

E, levantando-se para fallar, caiu desmaiado.

O caixeiro segurando-o, evitou-lhe uma grande queda. Joanna cambaleando, levantou-se chorosa e afflicta, abraçando o filho. Deitaram-o logo na cama, e aspergindo-lhe agua no rosto chamaram-no á vida.

—Desonrado!... exclamou Angelo ao abrir os olhos. —Perdido na opinião publica!... Que desgraça!... Não posso resistir a semelhante desventura.

—Meu filho—acudiu Joanna—Deus conhece-te e sabe tudo; que te importa o que dizem?

Mas as lagrimas entrecortavam-lhe as pala-

bras: dirigindo-se ao amigo de Angelo assim lhe diz:

—Olhe, sr. caixeiro, isso é uma grande aleivosia que levantam a meu filho; isso é inveja por elle ser muito estimado de todos—continuou Joanna.

—Isso já lá vai, minha mãe... d'hoje em diante serei apontado com o dedo; todos fugirão de mim, como de um empestado... todos...

—Cala-te, filho, que não sabes o que dizes. Deus não dorme, quer provar a tua virtude.

—A prova é muito dura.

—Coragem, meu filho, submete a tua á vontade de Deus, e entrega a Elle o cuidado da tua justificação.

As lagrimas entraram a correr pelas faces de Angelo cada vez mais abundantes; de forma que, por muito tempo, não pôde articular palavra. Joanna chorosa tambem, e o caixeiro, sensibilisou-se tanto que não pôde sustentar o pranto. A final pôde Angelo fallar, e, dirigindo-se ao caixeiro, lhe diz:

—Reconheço que sómente o seu bom coração o trouxe aqui, e que me acreditará innocente em tão vil e deshonroso facto. Muito lhe agradeço o interesse que lhe mereci, e espero continuará a obsequiar-me com a sua amizade.

—Peco-lhe, sr. Angelo, que não se afflijas, porque, como diz sua mãe, Deus ha de descobrir tudo; e quando a verdade apparecer, será o seu triumpho tão grande, como é hoje a sua dor. Adeus.

(Continúa).

De tua morte nasceu a vida, do madeiro do teu suplicio brotaram os frondosos ramos da civilização, e da tua palavra, semente fecunda, nasceu a voz do tempo e da verdade, o astro que illumina as sociedades modernas, no seu caminho para a perfeição relativa, porque será impossível, encontrar um povo na terra, onde tua cruz se não arvore magestosa.

No povoado, na cidade, no ermo e nas immensas solidões do deserto, nos rochedos inhospitos... Por toda a parte a cruz.—O jornaleiro, que ao pôr do sol recolhe de caza longiquo, logo avista a cruz do campanario do presbyterio, e caminhando, caminhando, e limpando o suor que lhe inunda as faces, olha para a cruz, que parece segredar-lhe—Trabalha e poupa, que cada baga d'esse suor te será paga por Aquelle que não falta ao promettido, e um dia virá em que repouses no seio immenso do Senhor!

E uma alegre canção lhe acode aos labios, e entrando em caza, ainda abençoando os filhinhos lhes faz uma cruz sobre os innocentes cabecinhas. O proscripto ao avistar a patria, porque ha longo tempo suspira, lá dá com os olhos na cruz do templo, e de longe, cuidando saudar a terra do seu livramento saúda a cruz, porque onde existe a cruz, ali existe a patria do proscripto.—A cruz indica-nos pelos caminhos o lugar onde se perpetrou um crime; diz aos homens, que perdoem ao criminoso, como Aquelle que na Cruz expirou perdoou tambem. A cruz está ao lado do homem, quando recebe o nome de christão; a cruz apparece-lhe sempre nos actos mais solemnes da vida, a cruz acompanha-o finalmente á morada da morte, e ainda ali lhe faz aguardar o pó—Sempre a tua cruz, oh Christo, como uma maxima de proveitosas lições para a humanidade!

Praza a Deus, que tu oh! Cruz! seja sempre a nossa guia na triste peregrinação da nossa vida, afim de que vivendo modelados pelo exemplo do que em ti morreu, possamos um dia exclamar consciões de termos praticado o bem—*Consummatum est.*

J. M. R. Valente.

SALMO LXVIII DE DAVID

Prophetico da Paixão de Christo

(PARAPHRASE)

Salvae-me, ó Deus, pois que me inunda a alma
Um diluvio de máguas; submergido
Stou n'um lodoso pelago sem fundo.
Atra procella me abysmou no seio
De entumecidas ondas.

Cança, rouqueja a voz, com que conclamo
Aos Céus piedade, e os olhos desfallecem
De fitar-vos, meu Deus! Mais numerosos
Que os meus cabellos são os inimigos,
Que me odeiam sem causa.

De dia em dia se condensa a furia
Dos meus perseguidores. Vem pedir-me
Dividas, que eu jámais hei contrahido.
Vós sabeis, ó Senhor, se eu sou culpado.
Sabeis quaes são meus crimes.

Mas se minha desdita é sem allivio,
Fazei, Poderoso Deus, fazei ao menos
Que aquelles, a quem eu tenho ensinado
A esperar em Vós, que hei-de salvos,
Não fiquem confundidos.

Não permittaes, Senhor, que eu seja objecto
D'affronta para aquelles, cuja esp'rança
Em Vós eu alento. Foi o meu zelo
Por vossa gloria e honra que deu causa
Aos opprobrios, que soffro.

Olham-me qual extranho os próprios filhos.
Da minha mesma patria; desconhecem-me,
Porque em zelo por Vós eu me abraçavas
Sentindo como proprias as injurias,
Que ingratos vos faziam!

Com sorriso d'escarneo era acolhida
A minha penitencia! Os meus cilícios
Davam aso a perversos zombeteiros
Para me motejar e converter-me—
Em fabula do mundo!

Dos próprios magistrados nos conselhos
Julgavam-se os meus actos como crimes;
A vil e baixa plebe em seus folgares
De mim fazia assumpto de cantigas
Ridiculas e torpes.

Mas eu, Senhor, não céssô d'invocar-vos,
De pedir-vos auxilio. Já é tempo

De dar benigno ouvido ás minhas queixas.
Mostrae, Senhor, mostrae vossa bondade
Ao que em Vós Confia.

Arrancae-me do lódo, em que me afundo;
D'adversas mãos tirae-me; d'este abysmo,
Em que submerso estou, meu Deus salvae-me.
Fazei que a furiosa tempestade,
Que em torno de mim ruge,

Não me engula nas ondas; que o profundo
Póço, em que eu cahi, senão alúa
Sobre mim sepultando-me em ruínas.
Ouvi, Senhor, meus rogos, Vós que tanto
Vos comprazeis no bem,

Segui da compaixão o doce impulso,
Volvei-me olhos benignos; vossa face
Não affasteis de mim; ao vosso servo,
Que jaz de tantos males opprimido,
Escutae sem tardança!

Vede em qual desespero está minh'alma,
A minhas crueis penas ponde um termo.
Como exultam de vêr-me aniquilado
Os inimigos meus! Senhor, privae-os
D'este prazer maldito!

Olhae a affronta, a confusão, a infamia,
De que estou rodeado, e quaes me aggridem
Ferozes os contrarios! Eu descreia,
Ao vêr-me em suas mãos, que alfin podesse
Forrar-me aos seus ultrages!

Debalde esperei allivio em minhas dores.
Deram-me fel por unico conforto
No meio dos tormentos; a meus labios
Ressequidos de sede approximaram
Vinagre por bebida!

Oh! que o negro alimento, que me deram,
Será um dia o alimento d'elles!
Prezos nos proprios laços, o castigo
Terão dos crimes seus. Co'a a minha morte
Sua morte preparam!

Cegos! O negro abysmo elles não viam,
Em que iriam cahir!—Extranho jugo
Hade esmagar-lhes a cerviz altiva;
Duro castigo, que o Senhor fulmina
Sobre a maldade d'elles.

Da vossa ira, ó Deus, a aguda setta
Hade por toda parte perseguil-os,
Sem que ao vosso furor furtar-se possam.
Desertas ficarão suas cidades,
Seus lares sem familia.

Porquanto ao que feriste elles moveram
Perseguição atroz, e redobraram
A dor das minhas chagas, aos perversos,
Instinctos seus os deixarás entregues,
E crimes sobre crimes

Cegos amontoando, irão fugindo
Cada vez mais da senda da justiça.
Do livro das nações serão riscados,
Nem seu nome jámais será inscripto
Com os nomes dos justos.

Grande é a minha dor, meu desamparo!
Porém Vós, ó Senhor, dar-me-heis conforto,
E o Vosso Nome exaltarão meus canticos.
Mais gratos vos serão os meus louvores,
Que os pingues holocaustos.

Vêr-me-hão com jubilo os pobres, os afflictos,
Minha gloria será penhor da sua.
Vossos servos terão a eterna vida,
E aos tristes captivos serão rotos.
Por Vós meu Deus, os ferros.

Os Ceus, a terra, o mar, tudo o que vive
Louve a vossa bondade. A Sião nova
Conservareis, Senhor; e ao povo eleito
Erigireis cidades, dar-lhe-heis posse
Da terra em propria herança;
Herança perennal dos Vossos filhos,
Dos que adoram, Senhor, o Nome Vosso.

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR.

AVE, CRUX!

Et inclinato capite tradidit spiritum.

(S. JOÃO, XIX, 30)

Funereo manto a natureza veste,
De Deus o Filho expira sobre a Cruz,
E a cohorte celeste
Se apavora na morte de Jesus!

Foi longo o Sacrificio, a crueldade
Rasgou-Te o Coração,
O' Deus, ó Christo, ó Santo, ó Paciente
Cordeiro, que morrestes innocente
Por nossa salvação!

Teu sangue do peccado nos remiu,
E as portas do céu ao crente abriu,
No instante pavoroso,

Em que o sol escondeu a luz brilhante
E do Templo o veu n'aquelle instante
Rasgou-se ruidoso!

Mas, ó Christo, venceste e triumphaste;
A Cruz que no Calvario alevantaste
O mundo a saudou;
Imperios abateu: a idolatria
P'ra sempre aniquilaste n'esse dia,
Em que o Pae Te chamou!

A Cruz que nos deixaste, ó Bom Jesus,
Será p'ra sempre a nossa guia e luz,
Da terra até aos céos.

A' sombra d'Ella o crente é sempre forte
Não teme o inferno, nem receia a morte,
Se elle Te ama, ó Deus!

Merelim—março, 1879.

João Azevedo.

LITTERATURA

Carta Epigraphica

AO

auctor indefesso

DO

Portugal Antigo e Moderno,

O EXM.º

Augusto Soares d'Azev. Barb. de Pinho Leal

«... darei a melhor noticia, que
«n'esta materia me fôr possível.
Bento Morganti—Numismatologia, Prefacção.

XXVI.—Assassinados Dalmacio e Hannibaliano, «as mãos da soldadesca infrene», com outros mais parentes seus; fraíram junctos o imperio os filhos de Constantino, desde o anno 335—estabelecendo entre si um accôrdo amigavel.

«Flavio Claudio Julio Constantino II», nascido no anno 316, morreu victima d'uma emboscada, perto d'Aquileia, no anno 340—attacando então a Constante, com inveja de o ver assenhoreado—assim como a Constantino—dos despojos de Dalmacio e Hannibaliano.

«Flavio Julio Constante», nascido nos annos de 320, ficou senhor geral do imperio do Occidente, depois da morte de seu irmão Constantino:—e só o perdeu com a vida, no anno 330.

«Flavio Julio Constancio II», nascido no anno 317, deixou com a morte as reideas do imperio, no anno 361.

XXVII.—Não gosou muito das Gallias, nem das Hispanias com ellas, o imperador «Constante»—principe inepto e vicioso, e concitador da execração publica contra si.

Perdeu-as em breve, esquecendo a missão de soberano, com as suas distracções usuas nas florestas—perpetuadas em Victor o Senior com estas palavras:

«Quarum (gentium) obsides pretio quæsitos pueros venustiores, quod cultus habuerat, libidine hujusmodi arcisse, pro certo habetur».

XXVIII.—O alludido Flavio Magno Magnencio—general membravel, a quem sobremodo amavam os soldados—assenhoreou-se da purpura em breve, em «Augustodunum» então e hoje Autun, cidade memoravel da Gallia Narbonense.

Fel-o no fim d'um banquete do amigo «Marcellino», em que os excessos da meza tinham escandecido os convivas—apparecendo-lhes inopinadamente com o manto imperial aos hombros, e com o diadema na cabeça.

A's acclamações do festim—d'ante mão preparadas pelos dois amigos—corresponderam em continente as acclamações das legiões.

XXIX.—Apenas elevado a imperador, procurou «Magnencio» assenhorear-se de «Constante»—que só curára de fugir-lhe para as Hispanias, e aonde no entanto não pudera chegar; por ser alcançado e assassinado em Elne ao pé dos Pyreneus—a antiga Illiberis de «Pomponio Mela», (II. 5).

Da imperatriz Helena, mãe de «Flavio Constantino Magno», conserva ainda Elne a lembrança, com modificação levissima de nome.

XXX.—Assassinado «Constante», caminhou logo «Magnencio» para Roma, aonde chegára sem obstaculos:—e d'ahi enviára sem demora propostas a Constantio—então occupado em guerrear os persas,—para elle o reconhecer imperador do Occidente.

N'este meio tempo, abraçaram as His-

panias o partido das Gallias, como testemunha aqui em Braga a lapida alludida do «campo das Carvalheiras», e com ella as correlativas da estrada da Geira, esparsas «valiosamente» na serrania do «Gerez».

(Continua).

PEREIRA-CALDAS.

SECÇÃO COMMERCIAL

Protecção á industria—Representação dos fabricantes de tecidos do Porto e Lisboa—Systema prohibitivo—Os vinhos de Hespanha e os nossos—Providencias que devemos adoptar.

Não nos temos enganado pedindo aos poderes publicos a maxima protecção para a industria nacional, afirmando que só ella, com o patriotismo de todos nós, pôde em Portugal contribuir para levantar a classe industrial a certa altura, ou pelo menos atenuar a falta de trabalho.

Em abono do que temos dito, lá subiram ao parlamento no mez de março findo duas representações, uma dos fabricantes de tecidos de seda do Porto, e outra dos de Lisboa, pedindo protecção para este ramo de industria, muito aperfeiçoado hoje entre nós.

Não sabemos o que o governo fará em beneficio dos fabricantes de tecidos de seda, e de outros quaesquer ramos de industria, que provavelmente talvez sigam o exemplo dos primeiros; é certo, porém, que, só empregando-se o systema prohibitivo na importação, é que o fabrico nacional pôde prosperar.

Nos tratados de commercio, todas as nações procuram chegar a manta para si, e quasi sempre Portugal fica meio descoberto. Olhemos portanto para nós, e tratemos de nos cobrir com a roupa de casa. Podemos afoitamente dizer que os nossos tecidos são moeda que não corre fóra de Portugal; pois façamos nós o mesmo aos tecidos estrangeiros.

A crise industrial que lavra na Europa, faz com que se levantem estas velhas questões economicas, na Alemanha, na França e na Gran-Bretanha.

O systema prohibitivo é em toda a parte defendido por uns e combatido por outros. Os que o defendem dizem, que onerando-se os productos estrangeiros, os nacionaes não se accumulam, sustenta-se o trabalho e não augmenta o pauperismo; outros, porém, sustentam que o principio de liberdade, que levou o aperfeiçoamento ás nações menos manufactureiras, se não deve sacrificar a uma crise, que os consumidores racionalmente não podem ser obrigados a comprar caro o que barato podem ter do estrangeiro.

Como são tantos os principios de liberdade que até lhe não achamos fim, pensamos de nós para nós que não é attentatoria contra a liberdade a portaria que o governo mandou, sobrecarregando de direitos as fazendas estrangeiras que lá de fóra nos andam a impingir cada mez com suas variantes.

Mas se os estrangeiros fizerem o mesmo ao que lhes mandamos de cá?

Estão no seu direito, façam o mesmo; mas como a nossa maior extracção é de vinho, se o quizerem fino não de trazer o seu ouro ao Douro.

E já que fallamos do nosso vinho do Douro, é de notar que este ramo de commercio tem padecido uma certa decadencia desde 1876.

A Inglaterra importou, n'estes ultimos dois annos, menos 28 mil pipas; mas esta diminuição foi muito mais accentuada nos vinhos de Hespanha, principalmente o Xerez, outr'ora tão estimado e que hoje está perdendo de moda, pois que o publico tambem retira o seu favor até a quem lhe dá motivos de alegria.

O que tem muito concorrido para a depreciação dos vinhos hespanhoes, é, segundo dizem, terem apparecido alguns muito falsificados, ao passo que a diminuição no commercio dos nossos vinhos do Porto é attribuida aos preços elevados que se lhe tem feito.

Antes assim. O commerciante de má consciencia pôde enriquecer-se falsificando os generos, mas cava a sua ruina e a do seu paiz. Exforcemo-nos sempre por conservar o credito que em todo o tempo mereceram os nossos vinhos do Douro, que são a principal riqueza do paiz. A falta de probidade no commercio dos vinhos pôde acarretar-nos graves consequencias. É bom que se saiba que a pluralidade dos vinhos falsificados, que tem apparecido nos diferentes mercados são hespanhoes. A

casaria portugueza foi imitada pelos nossos vizinhos, que d'aqui mandaram os tanoeiros, e pelos nossos portos foram assim exportados para o Brazilinhos hespanhoes a titulo de portuguezes, motivo porque a associaçao commercial de Lisboa tomou a louvavel resoluçao de representar ao governo contra este abuso.

A associaçao lembrou ao governo a marca de fogo, e o governo adoptou-a; porém em seguida foi ordenado pelo respectivo ministerio que não continuasse a ser collocada aquella marca nos cascos de vinhos expedidos de Hespanha e exportados para o Brazil, e isto, segundo se diz, em virtude de reclamação do reino visinho.

Querera o governo hespanhol contribuir para o descredito de nossos vinhos, querendo que elles appareçam como portuguezes no estrangeiro?

E' verdade que nós temos o direito de marcar os nossos vinhos com marca especial, e é o que devemos fazer; depois d'isto só falta que o governo de sua magestade visinha, nos venha obrigar a marcar-lhe os cascos.

Veremos o que a camara dos deputados responde ao snr. Marianno de Carvalho, que sobre este assumpto pediu esclarecimentos ao governo.

E' verdade, infelizmente, que parte d'estes vinhos são comprados por negociantes portuguezes, que tem em pouca conta o credito do seu paiz, que damnificam; mas o governo póde e deve obstar a taes abusos, estabelecendo marcas e direitos especiaes para os vinhos das diferentes zonas de Portugal, que tenham de ser exportados, e assim os nossos vinhos firmarão mais o credito que ha seculos gosam.

Infelizmente quasi tem desaparecido essa austeridade e rigida honra do nosso antigo commercio.

Enriquecer por meios licitos ou illicitos é do que hoje se trata. E' uma vergonha; é a maior degradação moral. Por toda a parte se exerce um commercio criminoso, e entende-se que o meio não deshonra o fim.—Enriquecer—enriquecer roubando o estado—enriquecer adulterando os generos de commercio—enriquecer roubando o credito do paiz—enriquecer roubando até a saude e a vida!

Tal é o estado de degradação a que chegamos, e nos levará ao abysmo, se não pozermos cobro a este mal e deixarmos de o combater.

GAZETILHA

Chronica religiosa.—Hoje:—Na Sé, Pontifical, Benção dos Oleos, e Exposição do Santissimo. De tarde, Lava-pédes, e sermão. Officio das Trevas.

Procissão.—Hoje á noite deverá sair do templo da Misericórdia a procissão do *Ecce Homo*. Percorre o itinerario do costume, se o tempo, que continúa horroroso, o permittir.

O templo do Coração de Jesus em Roma, e o altar dos Portuguezes.—Ninguém ignora que vae erigir-se em Roma uma Basilica ao SS. Coração de Jesus. Para levar a cabo tal empreza, e d'uma maneira digna da capital do orbe catholico, são convidados os fieis do mundo a concorrer com as suas offertas, por diminutas que sejam.

O episcopado francez empenha-se por fazer edificar n'esse templo um altar privativo da França, e para tal fim já tem remettido para Roma sommas consideraveis.

Não faltou tambem entre nós quem tivesse igual lembrança, e até alguns jornaes abriram subscripção n'esse sentido; porém foram pouco felizes, porisso que a quasi nada tem chegado a verba alcançada: será até vergonha que Portugal se faça representar d'uma forma tão pouco lisongeira.

Se cada um dos fieis portuguezes, devotos do Coração de Jesus, dêsse para tal fim a mais diminuta esmola que possa conceber-se (10 reis, por exemplo) a quanto não montaria a quantia que se poderia remetter para um fim tão santo, como patriotico?

E quem não estará nos casos de concorrer com um obolo tão diminuto para um tal fim?

Ora pois, concorramos com o nosso obolinho para o templo do Coração de Jesus, e as benções do céo descerão sobre nós, e o nome portuguez ficará immortalizado ao lado da França, n'esse monumento catholico, porque é de todos e para todos!

Não é um sacrificio o que se pede; é sim aquillo que todos podem fazer, para honra e gloria do SS. Coração de Jesus, e honra e gloria tambem da nossa cara patria—a Roma portugueza, a catholica Braga.

Procissão do Enterro.—Tem amanhã logar na Sé a magestosa solemnidade do Officio e procissão do Enterro, e de tarde sermão da Soledade.

Se o tempo melhorar deverá sair a procissão do Enterro, de Santa Cruz, que, como já dissemos, está deliberado que se faça com a maxima imponencia.

O inglez sem mestre.—Publicouse o n.º 6 da excellente publicação linguistica *O mestre popular* (*O inglez sem mestre*), de que é redactor o snr. Joaquim Gonçalves Pereira, com escriptorio na Figueira da Foz, rua das Flores, n.º 15.

Mais creanças abandonadas.—Foram encontradas tres creanças recém-nascidas de diferentes sexos; uma no portal de uma casa do campo de Sant'Anna, outra em uma casa da rua Nova de Sousa, e outra do sexo masculino no portal do predio n.º 59 do campo de Sant'Anna.

Parece incrível!
Companhia de seguros Bonança.—E' sempre com prazer que noticiamos a prosperidade das *Companhias portuguezas*, e muito mais d'aquellas cujos fins são assegurar capitães que a desgraça póde devorar em um incendio ou affundir nos dilatados mares. E' por isso que temos em grande conta as companhias de seguros; que sem ellas todos os dias veríamos uma outra familia passar do estado da prosperidade á completa pobreza.

Ao lermos o relatorio da *Companhia de seguros Bonança*, que teve no anno findo uma receita de 116:702\$676 reis, proveniente de premios terrestres e maritimos, alegramos-nos extremamente.

E' incontestavel a probidade d'esta Companhia, e basta para nos confirmar n'esta opinião ver que ella só sustenta uma unica causa judicial, em que disputa preferencia como credora de premios.

Os lucros da Companhia no anno findo foram de 54:160\$640 reis.

Tirou para fundo de reserva 5:000\$000 reis, e 1:000\$000 de reis para atenuar o bonus do 7.º anno; 12:880\$640 reis para contribuições e prejuizos, dando aos accionistas o dividendo de 22\$300 reis por cada lote de 5 acções.

Devemos convencer-mo-nos de que é melhor segurar os nossos predios em companhias portuguezas, que mais facil é disputar com ellas qualquer preferencia, que com as companhias estrangeiras.

Além d'isso não gostamos de ver *aves estranhas* no frontispicio de casas portuguezas.

Preço dos cereaes.—Na terça-feira ultima, n'esta cidade, o preço dos cereaes foi:

Trigo	800
Centeio	540
Cevada	560
Paíño	500
Milho branco	540
» amarello	530
Milho alvo	600
Feijão branco	700
» vermelho	750
» amarello	550
» rajado	480
» fradinho	500
Batata	560
Azeite	5600

Atravez da provincia.—Verificouse o contracto para o fornecimento do gaz para a illuminação de Vianna. Foi arrematante o snr. D. João Lerma, que se promptificou a fazer o fornecimento de cada um dos 200 candieiros por 22\$500, e aos particulares até 100 reis cada metro cubico de gaz que consumirem.

Abateu uma das avenidas da antiga e memoravel ponte de Ponte da Barca, ficando por enquanto o transitio interrompido.

O valor da importação pela alfandega de Vianna, no mez de março ultimo, foi de 51:163\$038 reis.

Durante o mez de março findo fallaram no concelho de Vianna 54 individuos, sendo 22 do sexo masculino e 32 do sexo fimenino, dos quaes 5 até 7 annos d'idade, 4 de 15 a 25 annos, 2 de 25 a 40 annos, 5 de 40 a 50 annos, e 38 de mais de 50 annos.

Está aberto concurso para o logar de director do correio de Amares.

O snr. Antonio Julio Mendes Car-

doso, professor de ensino primario dos Arcos de Valle de Vez, foi transferido para a cadeia de Santa Maria Maior, de Vianna do Castello.

—Por decretos publicados no «Diario» foram sujeitos ao serviço militar os seguintes mancebos que recorreram para o Supremo Tribunal Administrativo: *Concelho dos Arcos do Valle de Vez*, Manuel, filho de Diogo da Costa, da freguezia de Valle—*Concelho de Valença*, Joaquim, filho de João Luiz Soares, da freguezia de Cerdal.

Assomos de guerra.—O «Daily News» publica o telegramma seguinte, expedido ha pouco de Rangoun:

Julga-se que o rei da Birmania vae contrahir alliança com a China.

Todos os subditos inglezes residentes em Mandalay abandonaram a cidade, excepto os funcionarios.

O governo da India enviará 5 mil homens e um navio de guerra em seu auxilio.

Baptismo de um regulo africano.—Foi baptisado com grande solemnidade, em Loanda, o Marquez do Mossul, que alli chegara acompanhado pelo snr. coronel Dias Santos, chefe da barra do Dande. Foi recebido com todas as honras pelo governador geral, verificando-se a cerimonia na capella do palacio, recebendo o neophito o nome de Vasco, nome do governador. Foi celebrante o governador do bispado. Em seguida houve um banquete, a que assistiu grande numero de pessoas, e entre ellas os representantes das nações estrangeiras. O Marquez de Mossul é um regulo de grande importancia, e que nos é affeioado. Tem 50 annos. Pediu ao governador que enviasse ao seu reino um padre para baptisar todos os seus filhos.

Noticias diversas.—O snr. Cardeal Patriarcha fez testamento em consequencia de não experimentar melhoras dos padecimentos por que tem passado.

O conselho federal suizo resolveu restabelecer a pena de morte.

Falleceu em Lisboa o snr. contra-almirante Joaquim José Gonçalves de Mattos Corrêa, deputado ás cortes por um dos circulos de Cabo Verde.

Fugiu de Perpignan um empregado da succursal do banco de França, levando 41:000 francos. A policia franceza persegue-o.

Houve um violento incendio em Hildesheim, no Hanover. Sessenta familias perderam todos os seus haveres e ficaram reduzidos á miseria. Foi terrivel a confusão.

Foi jubilado o snr. visconde de Monte São, lente proprietario de philosophia da Universidade de Coimbra, com o terço do ordenado.

Refere um correspondente do Rio de Janeiro que não se tem felizmente desenvolvido na cidade a febre amarella, talvez em consequencia das chuvas torrencias: o maior numero de obitos foi de 14 no dia 3 de março: nos navios estrangeiros tem feito estragos sensiveis. As tripulações dos navios inglezes tem perdido desde o 1.º de janeiro cerca de 100 pessoas entre capitães, pilotos e marinheiros.

Segundo o recenseamento feito em 31 de dezembro de 1878, Portugal tem 4.775:686 habitantes, mais 428:246 do que em 1864.

A caridade publica.—Recomendamos muito e muito ás pessoas caritativas Leonardo da Silva Guimarães. O seu estado de penoria é extremamente doloroso. Pedimos que pelo amor de Deus, se lembrem de o socorrer. Mora na rua dos Sapateiros, n.º 24.

RECLAMOS

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despesas, com o uso da deliciosa farinha de saúde,

REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

5 Combatendo as indigestões (dispepsia) gastrica, gasticgia, flatos, arroto, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, bexigas, diarréa, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabthes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta,

do alito, dos bronchios, da bexiga, do fígado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85:000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow, da exm.ª sr.ª marquez de Brehan, de Lord Stuart de Decies, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, etc., etc.

Cura n.º 63:476.—Mr. Comparet, cura, de dezoito annos de gastralgia, de soffrimentos d'estomago, dos nervos, fraqueza e suores nocturnos.

Cura n.º 74:422.—Prostração.—Baldwin, da mais completa decadencia de saude, de paralyia dos membros por effeito e excessos da mocidade.

Cura n.º 76:448.—Verdun, 16 de janeiro de 1872.—Havia cinco annos que soffria graves incommodos no lado direito e na cavidade do estomago, más digestões etc. Não hesito em certificar que a sua *Revalescière* me salvou a vida.—ERNESTO CATTÉ, musico do. 63 de linha.

Cura n.º 62:986.—M.ª Martin, do amenorrhea. Supressão de menstruação e dança de São Guido, declarada incuravel, perfeitamente curada pela *Revalescière*.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400; e de 12 kilos, 12\$000 rs.

Os biscoitos da *Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalescière* chocolatada; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & CO. LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris. 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; snr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barcellos, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vianna do Castello, Affonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Bainha, 29 e 33.—Fonatel, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desirê Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.ª, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Póvoa do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTOS

José Luiz d'Oliveira Pessa, assáz pe-nhorado e extremamente reconhecido para com todos os ex.ªs senhoras e cavalheiros de suas relações e em geral para com todas as pessoas d'esta cidade que se dignaram cumprimental-o e saber de sua saude, durante a enfermidade que acaba de soffrer, a todos agradece, profundamente reconhecido e aqui lhes patentea seus protestos d'eterna gratidão. Igualmente aos mui habéis e distinctos facultativos d'esta cidade, os ex.ªs Malleiro e Valle agradece a promptidão, zelo e carinho com que o tractaram durante

a mesma enfermidade; e a todos o faz por este meio na impossibilidade de o fazer pessoalmente como desejava e lhe cumpria, visto que por conselho medico se retira para tomar ares patrios, afim de obter mais prompto restabelecimento. (2351)

Os abaixo assignados servem-se d'este meio para agradecerem a todas as pessoas de sua amizade e relações, que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua chorada filha, sobrinha e cunhada D. Maria Ventura de Sousa Torres e Almeida. A todos protestam sua indelevel gratidão.

Francisco Xavier de Sousa Torres e Almeida
João Evangelista de Sousa Torres e Almeida
Luiz Antonio da Costa Braga. (2349)

Andreza da Costa Bezerra Braga (auzente), Rosa das Neves Simões, Thereza de Jesus Simões, Joaquina Simões, Maria Simões, José Simões Braga (auzente), Manoel Simões Braga, José Fernandes, Bento José Salgueiro, e João Trindade de Freitas, nora, filhos e genros da fallecida Antonia Maria Simões, não o podendo fazer pessoalmente, agradecem por este meio a todas as pessoas da sua amizade o caridoso obsequio que lhes fizeram, acompanhando, da sua casa á igreja, e cemiterio, o corpo de sua sempre presada mãe e sogra, bem assim a todos os que lhes deram seus sentidos pezames, confessam o seu profundo reconhecimento.

Braga 16 de março de 1879. (2316)

ANNUNCIOS

METHODO DE JOÃO DE DEUS.

PRELECCÕES PUBLICAS.

Nos dias 17, 20 e 24 do corrente, tem de haver preleções publicas d'ensino primario pelo methodo do dr. João de Deus, dadas pelo distincto professor João José Alves d'Araujo, ás quaes podem assistir todos os que o desejarem.

Braga, 8 de março de 1879.

O Escrivão da Camara

(2352)

A. M. Alves Costa.

FOGÃO DE FERRO

Vende-se um, em muito bom estado; é grande e serve para cosinha de numerosa familia. Póde vêr-se a toda a hora. No escriptorio da Typographia Lusitana se diz quem o vende.

CONFEITARIA CENTRAL

15—RUA DE S. MARCOS—15

Acabam de chegar a este estabelecimento boas qualidades de amendoas e cartanagem, caixinhas e queques. Enfeita pão de ló, e mais objectos proprios para folares—que tudo vende por preços muito rasoaveis. (2348)

ARREMATACÃO VOLUNTARIA

No dia 14 d'abril, por 10 horas da manhã, principiará na residencia de Santa Eulalia de Tenões a arrematação de diversos objectos pertencentes ao expolio do fallecido reitor da mesma freguezia. A arrematação consta de duas moradas de casas, uma na dita freguezia e outra na rua do Poço n.º 8, d'esta cidade, uma lagareta de pau e algum vinho, e muitos outros objectos. Esta arrematação será espaçada por cinco dias a contar do indicado. O dia designado para a arrematação das casas é o 18. (2334)

DINHEIRO A JURO

A confraria de N. Senhora da Apresentação, de S. João do Souto, tem reis 400\$000 para mutuar. (2305)

DINHEIRO.

Na casa penhorista das Palhotas, n.º 8 ha sempre dinheiro que se dá sobre qualquer objecto de valor etc. etc. Juro rasoavel. (2341)

Empreza editora de Francisco Arthur da Silva—Lisboa.

BRINDE

A TODOS OS ASSIGNANTES

DA

HISTORIA UNIVERSAL

POR

Cesar Cantu

Desde a criação do mundo até 1862—continuada até 1879 por

D. NEMESIO FERNANDEZ CUESTA;

Com a noticia dos factos mais notaveis relativos a PORTUGAL E BRAZIL

Traduzida da edição franceza de 1867 e acompanhada da versão das citações gregas e latinas, e annotada por

Manoel Bernardes Branco

Da Academia Real das Sciencias de Lisboa; professor das linguas grega e latina, etc.

2.ª edição, illustrada com 81 gravuras primorosamente executadas.

13 volumes in-4.º grande.

O editor proprietario d'esta publicação, grato aos favores do publico, e compreendendo a necessidade de publicar um 13.º volume para que esta 2.ª edição da HISTORIA UNIVERSAL fique mais completa, resolveu offerecer aos srs. assignantes que o auxiliaram n'esta empreza e áquelles que de hoje em diante o continuarem a coadjuvar, como **BRINDE o decimo terceiro volume**, contendo trinta e cinco capitulos, seis gravuras e dois indices, sendo o primeiro chronologico e remissivo de toda a *Historia Universal*, servindo para a procura dos factos que n'ella vem exarados, e o segundo alphabetico, contendo os nomes de todos os homens notaveis que figuram na historia, e os titulos geraes de todas as materias, servindo de auxilio ao primeiro

Comprehendendo a narração desenvolvida dos acontecimentos historicos occorridos desde 1851 até 1879, escriptos em hespanhol por D. Nemesio Fernandes Cuesta, e acrescentados na parte que diz respeito a Portugal e Brazil, por Manuel Bernardes Branco.

Fica portanto completa a segunda edição da HISTORIA UNIVERSAL, em treze volumes in-4.º grande e custará:

Brochada 20\$000 reis fortes
Encadernada 27\$000 » »

Para facilitar a aquisição d'esta tão importante obra ás pessoas menos abastadas que a não possam comprar de uma só vez, o editor deliberou conservar aberta a assignatura em Portugal e no Brasil.

Cada folha de 16 paginas a duas columnas, 50 rs.—Cada gravura primorosamente executada, 40 rs.

Condições da assignatura:—A assignatura póde fazer-se por entregas de duas folhas, e as gravuras como convier—por fasciculos de cinco folhas e uma gravura, e por volumes brochados.—Cada entrega de 32 paginas e 1 gravura, 140 rs.—Cada fasciculo de 80 paginas e 1 gravura, 290 rs.

CADA VOLUME:

1.º vol. br. orn. de 9 grav.	1\$870
2.º » » » 6 »	1\$665
3.º » » » 7 »	1\$603
4.º » » » 5 »	1\$525
5.º » » » 6 »	1\$615
6.º » » » 6 »	1\$690
7.º » » » 6 »	1\$640
8.º » » » 6 »	1\$615
9.º » » » 6 »	1\$565
10.º » » » 6 »	1\$615
11.º » » » 6 »	1\$640
12.º » » » 6 »	1\$815

13.º E ULTIMO, ornado de 6 gravuras, brinde a todos os assignantes, no prelo, GRATIS.

Das 81 gravuras de que consta a obra estão tiradas 45, pertencentes aos vol. 1 a 7. Este decimo terceiro volume será distribuido depois de completo e brochado a todos os assignantes que tenham pago o decimo segundo volume.

Os assignantes teem as seguintes vantagens:

Garantia e certeza do complemento da obra, e poder receber como e quando quizerem, por entregas, por fasciculos ou por volumes.

LISBOA:—A assignatura póde fazer-se por entregas, fasciculos, e por volumes. O assignante receberá uma entrega de duas folhas por semana, pelo menos, e as gravuras que lhe convier, pelos preços acima

marcados, pagando ao distribuidor no acto da entrega a sua importancia.

PROVINCIAS E ILHAS:—A assignatura póde fazer-se por fasciculos e por volumes. O assignante receberá o primeiro fasciculo ou volume franco de porte, e só depois de recebidos mandará satisfazer a sua importancia em estampilhas, valles do correio ou ordens, na certeza que não receberá o segundo sem que tenha satisfeito o primeiro, e assim successivamente.

As pessoas tanto de Lisboa como das provincias e ilhas que angariarem DEZ ASSIGNATURAS REALISAVEIS terão UMA GRATUITA, dirigindo-se directamente ao editor.

Assigna-se no escriptorio do editor—rua dos Douradores, 72, LISBOA; me BRAGA, na livraria Internacional de Eugenio Chardon, e nas principaes livrarias do reino, ilhas e Brazil.

Francisco Arthur da Silva—editor

72, rua dos Douradores, 72—LISBOA.

DEPOSITO DE TABAGOS

50, rua do Carvalho, 50

BRAGA

Reducção de preços nos rapés de Xabregas

Meio grosso em vol.º de 250 grs.	330
Cruz de Malta » » »	350
Princeza » » »	380
Rezerva » » »	400
Secco » » »	530
Pacotinhos de 25 grs.	35

(2350) Garante-se a boa qualidade.

Fabrica de papel de Ruês

Papel de impressão e de embrulhos de diferentes marcas e preços.

DEPOSITO EM BRAGA

Tabacaria Bracarense

—27, Rua do Souto 27—
(2340)

BILHETES DE VISITA

COM NITIDEZ E PERFEIÇÃO

100 por minuto a 500 rs.

Enviam-se pelo correio, francos de porte sem augmento de preço.

APPARICIO & MALHEIRO

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27.

Bilhetes de visita em branco:

Cento, 200, 220 e 240 reis.

Tarjados de preto:

Cento, 400, 420 e 440 rs.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

LIVROS DE MISSA

Com capas de marfim, Ebano, madreperola, massa e veludo.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

APPARICIO & MALHEIRO

BRAGA

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Gualdim d'esta cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre penhores todos os dias desde as 8 horas da manhã até ás 9 da noute na mesma caixa.

Vende-se roupas.

Pede-se a todos os mutuários que tiverem objectos empenhados na mesma caixa com atrazo de juros de tres mezes os venham pagar ou resgatar, senão serão vendidos.

DINHEIRO A JURO

A irmandade de Nossa Senhora da Torre, tem 330\$000 rs. para dar a juro.

O secretario

(2203) Padre Luiz Gomes da Silva.

CASA

Arrenda-se uma na rua de S. Geraldo n.º 18. Trata-se no campo de Sant'Anna, n.º 68. (2298)

SINGER

LEGITIMAS

MACHINAS PARA COSER

DA

Companhia fabril SINGER

17—rua de S. Vicente—17

BRAGA



SINGER

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival.

Vendeu no anno de 1877, 282:810 machinas de costura!!! mais 20:496 que em 1876.

A Companhia Fabril



SINGER

Vende as suas magnificas e sempre acreditadas machinas, ao alcance de todas as fortunas, a prestações de 500 reis semestrais sem prestação de entrada ou 10 por cento a menos a prompto pagamento.

MACHINAS LEGITIMAS



SINGER

Para familias, alfaiates, costureiras, chapelleiros e sapateiros

A COMPANHIA FABRIL



SINGER

Garante todas as suas machinas não só no seu bello trabalho, como na sua immensa duração, com séria garantia.

Avisamos o publico que tenha todo o cuidado para não ser enganado com as machinas imitações, como algumas pessoas, por infelicidade d'ellas, o tem sido.

As machinas legitimas SINGER só se encontram á venda na Sub-succursal da

COMPANHIA FABRIL SINGER

17, RUA DE S. VICENTE, 17

BRAGA

e nas casas estabelecidas em todas as capitais dos districtos de Portugal e Hespanha.

Ensino esmerado e gratis em casa do comprador.

Peçam catalogos illustrados com lista de preços, que se enviarão GRATIS.

SINGER

(2297)

A FORMOSA LUSITANIA

POR

Catharina Carlota Lady Jackson

Versão do inglez, prefaciada e annotada por

Camillo Castello Branco.

A' venda na Livraria de Manoel Malheiro—Editor—Porto, rua do Almada, n.º 121 a 123.

RESPONSÁVEL—Luiz Baptista da Silva

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879